

JUVENTUDE & ESCOLA: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM BELÉM/PA¹

Kirla Korina Anderson Ferreira
Professora Dra. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
(IFPA/Pará)

Palavras Chaves: Juventude; Escola; Socialização.

INTRODUÇÃO

O que os alunos pensam sobre o cotidiano do espaço escolar? Quais significados sociais a instituição escolar representa na socialização de jovens estudantes da rede federal? Essas são as principais questões que orientam as reflexões deste trabalho, que tem como objetivo principal identificar e compreender antropologicamente as percepções de jovens estudantes sobre o cotidiano escolar, no contexto da educação profissional e tecnológica (EPT), na cidade de Belém/PA.

As reflexões que dão corpo a este trabalho surgiram a partir de duas atividades realizadas em sala de aula, com alunos do primeiro ano de dois cursos técnicos integrados ao ensino médio, acerca do conteúdo “O processo de socialização e as instituições sociais²”. Para trabalhar esse conteúdo, utilizei da abordagem antropológica ao partir das considerações pessoais dos discentes sobre a socialização e problematizá-las em comparação ao contexto social mais amplo em que vivemos, em conjunto com as principais categorias das ciências sociais.

Para isso, parto do entendimento de que a socialização consiste em um processo de interação social, e, segundo Grigorowitschs (2008), dar atenção ao ponto de vista do sujeito envolvido é o que marca sua compreensão atualmente. Diante do outro é que as subjetividades são confrontadas e conduzem o indivíduo (algumas vezes) a uma postura de reflexividade, ou seja, a olhar para a própria prática, escolhas e significados, de pensar sobre elas e, se for o caso, tomar decisões (Cardoso de Oliveira, 2002).

Utilizei de metodologias ativas, para trabalhar o referido conteúdo, ao considerar a socialização como um processo de aprendizado dos valores, significados sociais e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² A partir das atividades desenvolvidas em sala de aula que serão analisadas aqui e como forma de ampliar os significados sociais sobre a socialização na juventude, propus o Projeto de Pesquisa “#NaoMeRotule: juventude e socialização na Educação Profissional e Tecnológica em Belém/PA”, que foi aprovado no Edital Nº 05/2022 – PIBICTI/PROPPG/IFPA/CNPq e executado com uma bolsa de iniciação científica júnior.

instituições acerca do mundo em que vivemos, processo este que se aprende e se ensina mutuamente, que dura toda a vida do indivíduo.

As metodologias ativas caracterizam-se por estratégias de ensino e aprendizagem que valorizam uma maior participação dos alunos. Neste sentido, uma das estratégias adotadas inspirou-se no diagnóstico rápido participativo (DRP), desenvolvida no contexto do Programa Residências Pedagógica da PUC-Minas Gerais, por Santos e Lacerda (2021) e aplicada em suas aulas de sociologia em uma turma do ensino médio de uma escola pública. Em minhas turmas, utilizamos a produção de desenhos sobre o espaço escolar.

Assim, os resultados alcançados derivam de duas atividades realizadas no segundo semestre de 2022, ainda no contexto de retorno ao ensino presencial, após o período de isolamento e distanciamento social imposto pela pandemia de COVID 19. Ao todo, houve a participação de 37 alunos, de 15 a 17 anos de idade, nas atividades: 1) **elaboração de linhas do tempo**, em que, de forma individual, eles listaram os acontecimentos considerados mais significativos em suas vidas; 2) **produção de desenhos** sobre as áreas de convivência que têm acesso no campus e que gostam de ficar quando não estão em horário de aula, que foi realizada em grupos de 04 a 05 pessoas.

O texto está organizado em duas seções. Na primeira, abordarei os aspectos gerais envolvidos na socialização dos jovens, a partir de suas linhas do tempo, quais são os temas comuns nos acontecimentos e pessoas citadas em suas trajetórias de vida e como destacam a relação com a escola nesse processo. Na segunda seção, tratarei, especificamente, sobre como se sentem em relação ao ambiente escolar, os motivos que os levaram a estudar no IFPA e quais são os lugares de convivência na instituição, discutindo aquilo apontado nos desenhos elaborados por eles.

1 Situando o leitor: uma abordagem antropológica sobre juventude e socialização

A compreensão da percepção dos jovens sobre a escola inicia com os resultados da atividade linha do tempo. A perspectiva antropológica sobre a socialização adotada tem como referência a reflexão realizada por Cardoso de Oliveira (2002), que distingue os conceitos de “Eu”, identidade e mundo moral, e mostra como podem se aplicar na pesquisa antropológica. O autor afirma que o Eu articula múltiplas identidades na vida cotidiana de uma pessoa e que isso se dá conforme o contexto sociocultural do indivíduo.

Ainda que passe por um processo de aprendizado das regras e normas sociais, o Eu não se dissolve em sua cultura, tampouco é algo independente desta. Mas, ao contrário, o Eu é dotado de um caráter reflexivo, que lhe dá uma característica própria, que o permite

articular versões de si e de maneira relacional, ao mesmo tempo em que o diferencia das outras pessoas. E é nesta capacidade reflexiva que Cardoso de Oliveira (2002) defende o interesse da pesquisa antropológica e não em simplesmente descrever as identidades do Eu. No caso deste estudo, a reflexividade está marcada pela maneira como os jovens pensam, verbalizam e agem, seja em relação à sua vida como um todo, seja sobre suas percepções sobre a escola, de forma mais específica.

Cardoso de Oliveira (2002) destaca que é onde há escolhas é que há reflexividade. A liberdade de escolha está presente em todas as sociedades humanas e ela leva as ações humanas para o campo da moral.

No que se refere às linhas do tempo dos jovens participantes desta reflexão, como grandes temas (se assim podemos chamar) pelos quais perpassam os acontecimentos mais marcantes de suas vidas, posso citar os estudos, relacionamento interpessoal, família, religião e saúde. Cabe dizer que a literatura clássica sobre socialização nas ciências sociais enfatizava a escola e a família como agentes principais desse processo e sua “função” era a de que os indivíduos internalizassem os valores sociais, o que não dava muito espaço para se considerar o aspecto subjetivo (Berger e Berger, 1973; Parsons, 1974; Durkheim, 1978 e 1988; Goffman, 1989).

A maior parte dos temas dos acontecimentos apresentados pelos alunos reforça a presença de instituições clássicas na socialização, como família e escola, mas eles procuraram destacar como se sentem (ou sentiram) diante desse processo, como um participante ativo, o que atesta a importância do aspecto individual – ou reflexivo, segundo Cardoso de Oliveira (2002) – da socialização (Grigorowitschs, 2008).

Sendo assim, Setton (2018) mostra que na socialização contemporânea ocorre uma interrelação entre as diferentes instituições sociais e a incorporação de novas referências identitárias, o que aponta significados característicos de nossos tempos, como a relação entre rendimento escolar e diagnósticos de depressão e ansiedade, que podem revelar novas marcas nas formas de ser jovem na atualidade. A seguir, uma síntese dos conteúdos mais abordados nas linhas do tempo dos estudantes:

Quadro 1: Principais temas das linhas da vida

Temas	Assuntos a que se referem	Citados por
Educação	- Início da vida escolar; - Mudar de escola; - Ingresso no IFPA.	30
Família	- Mudar de casa; - Morte de um ente da família; - Nascimento de um/uma irmão/irmã; - Relação com mãe e pai.	28
Saúde e bem estar	- Pandemia Covid 19; - Diagnósticos de depressão, ansiedade e/ou TDAH; - Prática de esportes; - Cirurgias.	23
Namoro/Amizade	- Tornar-se melhor amigo/a de alguém; - Primeira paixão/namorado/a; - Interesse em conhecer novas pessoas.	18
Religião	- Batismo e/ou Crisma; - Participação em grupos da igreja.	12
Outros	- Realizar uma viagem - Iniciar uma prática esportiva - Aprender a andar de bicicleta - Ganhar festa de aniversário	12

Fonte: Atividade de sala de aula, 2022.

Ainda que os temas gerais dos acontecimentos se repitam nas linhas do tempo e que haja questões macroestruturais (a exemplo da pandemia de Covid 19) que perpassam todas as linhas do tempo, é preciso considerar que a socialização é vivida de diferentes modos entre eles, e se relacionam com os valores da família, com a profissão e idade dos pais, bem como a pertencimento de classe.

Como observado no quadro 1, o assunto mais presente nas linhas do tempo diz respeito à relação deles com a educação escolar, de diferentes maneiras. Neste tema, o mais citado foi a aprovação no IFPA, que é um projeto individual ou da família do discente. Temos o caso de dois alunos que foram aprovados duas vezes, em anos diferentes, para cursar o ensino médio na instituição, porque a primeira aprovação não tinha sido no curso desejado, ou ainda, casos em que o discente já havia iniciado o ensino médio em outra escola e continua tentando entrar em um curso técnico no campus.

A esse respeito, assim eles falam sobre o interesse em estudar na instituição³:

³ Os nomes dos alunos foram trocados, para resguardar sua identificação.

“Eu comecei a pensar em estudar no IF primeiro porque meus, tios e primos estudaram aqui e vejo que foi muito vantajoso, tanto na vida profissional deles, como na pessoal. Segundo, porque é um lugar que vai ser ótimo para minha preparação para o ENEM. Por fim, porque irei sair do ensino médio com o diploma de técnica e já vou poder entrar no mercado de trabalho com uma certa experiência.” (Tamires, 16 anos)

“Escolhi o IF, porque meu pai trabalha em uma construtora e eu sempre amava quando ele falava sobre o trabalho dele e eu sempre me interessei pela engenharia.” (Paula, 15 anos)

Nas duas falas, as alunas apresentaram como interesse para estudar na instituição a possibilidade de qualificação profissional com o curso técnico. Essa motivação pode representar um desejo pessoal, mas também um desejo da família, o que atesta a relação entre indivíduo e sociedade nas escolhas envolvidas durante a socialização (Grigorowitschs, 2008). A aprovação no ENEM e o ingresso no mercado de trabalho na área técnica também aparecem como motivação. Nos dois casos, o desejo em estudar no IF é motivado por razões familiares.

Em relação à saúde, destacaram diagnóstico de doenças ligadas à saúde mental, como ansiedade, depressão, transtorno do déficit de atenção, assim como a pandemia de Covid 19. Os diagnósticos das doenças são anteriores ao ingresso no IFPA, mas afirmam que precisam conciliar as terapias e o uso de medicamentos com as inúmeras tarefas da instituição, o que representa uma sobrecarga de atividades e de preocupações em suas rotinas, muitas vezes.

Em situação de pesquisa semelhante, Silva e Dias (2022) estudaram a percepção dos estudantes do IF Sul de Minas Gerais acerca do adoecimento mental no cotidiano escolar. Os institutos federais, criados pela Lei Nº 11.892/2008, têm como princípio educativo o mundo do trabalho, através da educação integrada entre o ensino médio e área técnica, o que pode representar que os alunos curse uma dezena de disciplinas de forma concomitante. Os autores alertam que a alta carga horária dos cursos, horário de início e fim das aulas e quantidade de disciplinas pode prejudicar o rendimento escolar.

Silva e Dias (2022) destacam, então, que o adoecimento dos estudantes está relacionado à pressão dos estudos, ao excesso de cobrança e estresse. Neste caso, criar estratégias para ouvir os alunos se apresenta como um bom recurso para atenuar esse desgaste. Os alunos do campus Belém apontam que essa carga maior de cobranças e

superposição de atividades costumam acontecer nos períodos avaliativos, quando as entregas de provas e atividades avaliativas vão se acumulando.

Pelo que vi nas linhas do tempo, ao mesmo tempo que essa sobrecarga é considerada cansativa, ela também pode representar, para esses jovens, um ensaio das preocupações da vida adulta. Para eles, fazem parte de um processo de amadurecimento, como assim traduzem a socialização. Por outro lado, entendo que o ambiente escolar possa oferecer outros espaços e momentos em seu fazer pedagógico que coloque os alunos como protagonistas e pertencentes ao espaço do saber.

Os resultados dessa primeira atividade evidenciam o contexto e as formas como os discentes vivem seus modos de ser jovem e um pouco das angústias pelas quais passam. As linhas da vida mostram que os mais diversos sentimentos e emoções fazem parte da socialização.

Ademais, lançam o questionamento sobre o que é ser professor da área de ciências humanas na rede federal. Que as aulas de sociologia podem ser um lugar de escuta, porém dialógica, que proporcione uma conversa sobre os principais assuntos da vida, sem perder de vista a problematização dos conceitos e categorias da disciplina. Mostra também a necessidade de um acompanhamento profissional multissetorial, que contribua, em conjunto ao trabalho docente, para a formação e acolhimento desses jovens.

2 O ambiente escolar segundo os interlocutores

O IFPA/Campus Belém é uma instituição centenária, localizado em uma das principais avenidas da cidade, em que circulam as linhas de ônibus de acesso à maior parte dos bairros da Região Metropolitana de Belém. Ocupa um quarteirão inteiro do bairro do Marco, possuindo vários prédios administrativos, garagem, laboratórios, piscina, área verde, academia de ginástica, ginásio de esporte, estacionamento e campo de futebol. Essa extensão territorial chama atenção dos estudantes assim que ingressam à instituição.

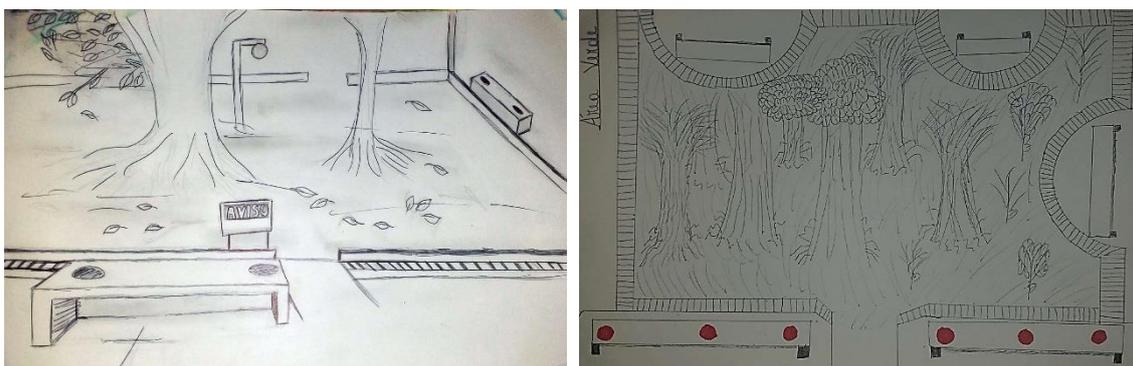
Quanto aos significados sociais sobre os espaços da instituição, os jovens produziram desenhos sobre suas áreas de convivência quando não estão em horário de aula, seguindo uma estratégia de metodologia ativa de Santos e Lacerda (2021). Segundo as autoras, o DRP é uma ferramenta muito utilizada na extensão rural para compreensão dos significados sociais que o espaço tem para suas comunidades, e que podem ser utilizadas em outros contextos. Quando aplicadas às percepções sobre a escola pelos

alunos, o DRP permite identificar os sentidos que os jovens atribuem ao ambiente escolar e como constroem sua relação de pertencimento, além de representar um importante espaço de socialização, conforme os interesses, neste caso, de minha observação.

O DRP é desenvolvido, segundo as autoras, a partir da construção de um mapa simbólico e das caminhadas transversais. Quando o utilizei como referência, os alunos tiveram a liberdade de sair da sala de aula e ir para os lugares do campus (entendidos como local de convivência) e desenhar, com o combinado de estarem de volta no horário final e entrega da atividade. Assim, eles entregaram 22 (vinte e dois) desenhos, de 06 (seis) diferentes locais do campus.

Quanto aos lugares de convivência, os alunos desenharam a biblioteca, a área verde próxima aos blocos de salas de aula, o refeitório e as escadas dos blocos E e M (que são os blocos das coordenações de curso e laboratórios), o que revela a inexistência de um espaço de convivência próprio em que possam conversar e descansar.

Imagens 1 e 2: Área verde do Campus

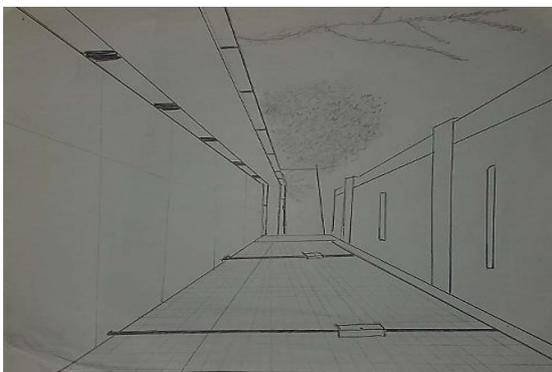


Fonte: Atividade de sala de aula, 2022.

A área verde compreende um espaço arborizado na área central do campus, entre o prédio da biblioteca, dos prédios de laboratórios e dos prédios de salas de aula. Ela é cercada por uma canaleta de concreto, que, por sua vez, é coberta por uma estreita grade de ferro, que serve para escoar a água da chuva, e corresponde ao detalhe tracejado nas imagens acima. Ao redor da área verde, há bancos, onde é comum ver os alunos sentados, em pé ou deitados, geralmente conversando em grupos. A área verde costuma ser utilizada nas aulas práticas de alguns cursos técnicos, o que não invalida sua reapropriação pelos alunos para atividades de lazer e recreação.

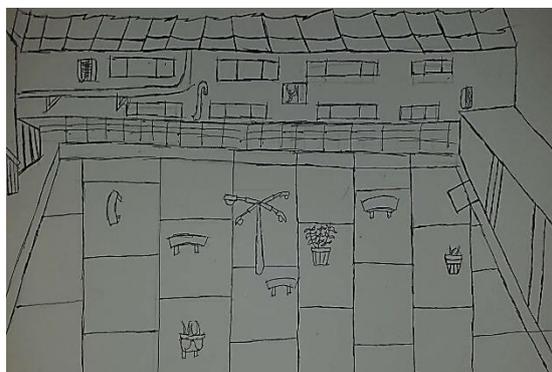
Além da área verde, a escada do bloco E, o corredor do Bloco O e a área livre do Bloco N também foram apontadas como local de convivência, onde eles ficam no intervalo ou horário de almoço para descansar, apesar da falta de conforto.

Imagem 3: Corredor do Bloco O



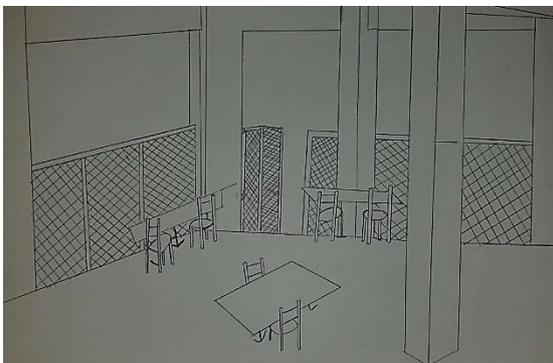
Fonte: Atividade de sala de aula, 2022.

Imagem 4: Área Livre do Bloco N

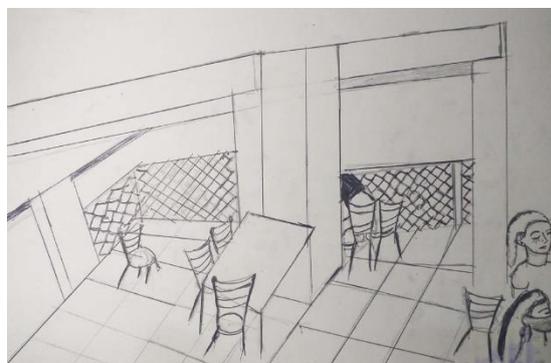


A biblioteca e o refeitório completam a lista dos espaços de convivência desenhados pelos alunos.

Imagens 4 e 5: Refeitório



Fonte: Atividade de sala de aula, 2022.



Chamou minha atenção a falta de cor nos desenhos dos alunos, o que reflete o ambiente cinza e formal da instituição que frequentam. Silva e Dias (2022) destacam que nos IFs prevalece uma gestão de instituição e não de ambiente escolar, uma vez que é comum os institutos terem Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e não (Projeto Político Pedagógico (PPP). É através do PDI e do conjunto das leis, portarias e instruções normativas que o cotidiano da instituição é forjado, e não no foco nas relações humanas, nas trocas com os outros. Digo que é por isso que no contexto de uma aula que se propõe a conversar, a ouvir os alunos, a pensar e construir o processo de aprendizado em conjunto

é que os alunos se sentem instigados a participar das aulas das ciências humanas, por exemplo.

A pouca opção de espaços de convivência confortáveis e voltados para eles, não tira os alunos da instituição ao longo do dia. Alguns relataram que preferem ficar um tempo a mais fora do horário da aula pelo campus, seja porque têm estágio a cumprir ou participam de projetos de pesquisa ou de extensão, seja para estudar o conteúdo do dia e fazer trabalhos. Além disso, afirmam não querer chegar em casa mais cedo, por conta de desentendimentos com a família ou para fugir da obrigação das tarefas domésticas e, por isso, dizem que preferem passar o dia na instituição, o que evidencia uma escolha racional do Eu (Cardoso de Oliveira, 2002).

O registro do campus pelo olhar dos alunos ilustra a forma como são tratados pela instituição: lugares cercados com grades, restrição de acesso a determinados prédios e salas. Sobre isso, mencionaram que os alunos do ensino médio integrado não podem circular pelos corredores do prédio que abriga as coordenações dos cursos de licenciatura, e nem ficar na própria sala quando estão sem aula, numa linguagem simbólica de que os alunos não têm um lugar de protagonismo na instituição e que o foco não são as relações humanas, mas no zelo por um ambiente institucionalizado e burocrático.

Em referência à proposta inicial de abordar antropologicamente o tema socialização e instituições sociais nas aulas de sociologia do primeiro ano do ensino médio integrado ao curso técnico, posso dizer que os resultados das atividades apresentadas aqui me levaram para além do planejado. Ouvir a percepção dos jovens sobre suas vidas e sobre o espaço escolar me trouxeram a reflexão de que a prática docente do antropólogo, quando se propõe a valorizar o ponto de vista do aluno, muito se aproxima ao encontro intersubjetivo da pesquisa antropológica.

A relação entre professor e aluno remete à alteridade na antropologia, no que se refere ao momento de estar com o outro, para aprender a escutar e se colocar no lugar dele, dadas todas as especificidades do ensino da antropologia na educação básica (Oliveira, 2023; Alencar, Targino e Araújo, 2023). Neste sentido, reforço que a perspectiva antropológica é marcada pelo encontro com o outro, como sendo aquele que precisa ser conhecido e interpretado conforme seu contexto cultural (Geertz, 1989). Desse modo, identificar as semelhanças e diferenças vivenciadas pelos jovens em seu processo de socialização, para dialogar com eles em sala de aula, dizem respeito, no caso deste estudo, a repensar as formas como somos ensinados a viver em sociedade e o que esse processo significa na juventude.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Posso dizer que ser aluno do instituto federal representa a realização de um projeto para os estudantes ouvidos, assim como para suas famílias, pois significa o acesso a um ensino médio de qualidade, como falaram, à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e no ensino superior, mas que é vivenciado com muitas cobranças e sobrecargas, o que compromete a saúde mental. A utilização das metodologias ativas no ensino de sociologia proporciona o estreitamento de vínculos e a aprendizagem significativa no contexto escolar, assim como suscita a necessidade de reflexão da prática docente do antropólogo e da relação entre os jovens e a instituição escolar na sociedade contemporânea.

Diante do que foi discutido até aqui, percebe-se que a antropologia, em seus esforços de entendimento das diferenças entre as relações sociais, dedicou grande destaque à noção de alteridade, de estar com o outro. Assim, o que defendo aqui é que o foco da nossa prática educativa se pautar nos alunos e nas suas histórias, pois, assim, conseguimos dar um caráter mais humano à nossa experiência docente e a antropologia reúne o arcabouço teórico e metodológico para isso.

Por fim, longe de querer encerrar a discussão, cabe destacar que não é o modelo de ensino integrado que estou questionando neste trabalho. Na verdade, quero chamar atenção que, no contexto do processo de socialização, as emoções são tão importantes quanto os lugares e pessoas no desenvolvimento pessoal dos jovens. Neste caso, cabe às instituições de educação profissional e tecnológica criarem espaços de escuta e orientação aos jovens, uma vez que, conforme temos visto até aqui, a escola ainda é um importante lugar de pertencimento em suas trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, Breno; TARGINO, Gekbede; ARAÚJO, Marcelo (Orgs.). **Antropologia na educação básica**. Belém: Editora IFPA, 2023. Apresentação. P. 29-47.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (Orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. São Paulo/Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1973. P. 200-214.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Eu, suas identidades e o mundo moral**. ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/99. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. P. 11-25.

- DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DURKHEIM, Emile. **Sociologia, educação e moral**. Porto, Portugal: Rés, 1988.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GRIGOROWITSCHS, Tamara. **O conceito “socialização” caiu em desuso?** Uma análise dos processos de socialização na infância com base em George Simmel e George H. Mead. **EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**, vol. 29, n. 102, p. 33-54, jan.-abr. 2008.
- OLIVEIRA, Amurabi. Prefácio – Por uma Antropologia na Educação Básica. ALENCAR, Breno; TARGINO, Gekbede; ARAÚJO, Marcelo (Orgs.). **Antropologia na educação básica**. Belém: Editora IFPA, 2023.
- PARSONS, T. **O sistema das sociedades modernas**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. O processo de socialização contemporâneo: revisitando algumas proposições. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org). **Sociologia da socialização: novos aportes teóricos**. São Paulo: FEUSP, 2018. P. 10-15.
- SANTOS, Andreia dos; LACERDA, Manuella. O uso das metodologias ativas em sala de aula de sociologia e as percepções dos alunos a respeito do espaço escolar. In: OLIVEIRA, Rafaela; ESTEVES, Thiago (Orgs.). **Metodologias Ativas de Aprendizagem no Ensino de Sociologia**. Londrina/PR: Engenho das Letras, 2021. P.193-216.
- SILVA, Marcel Freire da; DIAS, Vagno Emygdio Machado. Educação integrada e adoecimento estudantil na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 22, p. e11670, 2022. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11670>. Acesso em: 08 de Agosto de 2023.